

18/11/2025 09:30:10 - POLÍTICO

ELEIÇÕES 2026/PR: PSD ENCARA DESAFIO DE DEFINIR ENTRE TRÊS NOMES SUCESSOR POLÍTICO DE RATINHO JR.

Por Eric Rodrigues, especial para o **Broadcast Político**

São Paulo, 18/11/2025 - O PSD, que governa o Paraná desde 2019, enfrenta o desafio de escolher o herdeiro político do governador Ratinho Jr., cujo nome é cotado para ser candidato a presidente. A um ano da disputa, a formação da chapa governista está indefinida, com três pré-candidatos que pleiteiam o legado de Ratinho Jr.: o presidente da Assembleia Legislativa do Estado (Alep), Alexandre Curi, o secretário estadual das Cidades, Guto Silva, e o secretário do Desenvolvimento Sustentável e ex-prefeito de Curitiba, Rafael Greca. Líder nas pesquisas, o senador Sérgio Moro (União) tem como obstáculo a alta aprovação da gestão estadual: 70%, segundo as pesquisas.

Nas redes sociais oficiais do partido, os três postulantes aparecem em publicações ao lado de Ratinho Jr. e de seu vice, Darci Piana (PSD). Seguindo a estratégia das duas últimas eleições estaduais, a expectativa é que o PSD dispute o pleito com uma “chapa pura”. A definição, no entanto, dependerá de acordos internos até abril de 2026, o que significa que um dos três candidatos ficará de fora da corrida eleitoral.

Os nomes fortes do PSD

Em entrevista ao **Broadcast Político**, Alexandre Curi, deputado estadual desde 2003, enumerou programas nos quais afirma ter atuado ao lado do Palácio Iguaçu. Curi afirma que posicionou a Alep não apenas como poder fiscalizador, mas como corresponsável pelo desenvolvimento do Estado.

“Minha candidatura representa a continuidade dessa gestão, a continuidade de um governo municipalista, em diálogo permanente com os prefeitos. Representa a continuidade dessa paz política que tem o Estado, onde o governador dialoga permanentemente com a Assembleia e com os outros Poderes. Essa paz política fez com que o Paraná prosperasse muito nos últimos sete anos”, defendeu.

Rafael Greca classifica o momento como “culminante” em sua trajetória e oferece sua experiência como credencial para assumir o posto, representando mais uma opção da situação.

Com uma carreira que inclui passagens como vereador, deputado estadual e ministro, ele foi prefeito da capital por três mandatos (1993-1996, 2017-2020 e 2021-2024). Deixou o cargo com 73,1% de aprovação e fez seu sucessor, Eduardo Pimentel (PSD).

Em tom de agradecimento ao governador, vincula suas conquistas eleitorais recentes ao apoio recebido nos últimos anos. “Esta retribuição vem de uma coalizão de sucesso: eleger Pimentel, vencer as eleições em Curitiba e contribuir para a vitória do Ratinho Jr.”, afirmou. Greca ressaltou que o apoio do governo do Paraná deu sustentabilidade política à administração municipal em tempos de ajustes fiscais.

Guto Silva, que comanda a pasta das Cidades, destaca sua longa trajetória ao lado do governador e o conhecimento do Estado e da máquina pública. “O Paraná está no caminho certo e tem que avançar, não pode retroceder. É isso que me motiva: continuar avançando para garantir mais qualidade de vida e mais conquistas para o Paraná e para os paranaenses”, declarou.

Sobre o caminho para ampliar seu capital político, o secretário afirmou que sua principal preocupação é fazer um bom trabalho à frente da pasta. “Acredito que essa seja a melhor forma de ser conhecido”, disse.

Moro: o 'outsider' que lidera as pesquisas

18/Nov/2025 13:30

Com a popularidade de Ratinho Jr. superando os 70% de aprovação, o candidato governista, a ser definido, terá de enfrentar um adversário à sua direita: Sérgio Moro. O ex-juiz já lançou sua pré-candidatura ao Palácio Iguaçu e aparece na liderança das intenções de voto nos cenários testados para os dois turnos.

A Paraná Pesquisas divulgou no dia 13. Em todos os cenários do primeiro turno, Moro oscila entre 42% e 47%; no segundo turno, varia entre 51% e 61%.

Para o professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Emerson Cervi, Moro continua sendo, apesar de senador, um candidato "outsider" do sistema político. Sua pré-candidatura, no entanto, provocou atritos na federação partidária que sustenta o União Brasil no Estado; parlamentares do PP anunciaram debandadas.

“Ainda temos dúvidas sobre um apoio formal do governador ao candidato Sérgio Moro devido a questões políticas locais. A aposta provável é a concretização de um ‘acordo branco’, no qual Ratinho se comprometeria a não apoiar, mas também não atrapalhar a campanha de Moro”, disse Cervi.

A reportagem procurou o senador, que não quis falar, alegando que ainda não comenta sobre as eleições de 2026.

Oposição progressista se unifica no PDT

Na ala progressista, o deputado estadual Requião Filho (PDT) emerge como a principal linha de oposição ao governo e a Moro. O parlamentar, ao lançar sua pré-candidatura, posicionou-se como uma alternativa ao atual cenário político. Em sua avaliação, a campanha representa “uma saída para a crise que nós estamos tendo na política paranaense”.

Sobre Moro, Requião Filho afirmou que “a única proposta é o combate à corrupção”. “Para mim, isso não é proposta, é premissa necessária para ser governador”, afirmou. Para Requião Filho, combater a corrupção deve ser a base de qualquer político, e não um diferencial de campanha. Sobre o atual governo, defende que a aprovação é mediana, com margem para melhorias importantes.

A estratégia para “estourar o teto” de 30% dos votos - uma marca histórica do campo progressista no Estado - passa, segundo ele, por conexão com os jovens, fugir da polarização e priorizar o debate de propostas. “É assim que a gente vence esse teto: conversando com as pessoas, trazendo propostas sérias e construindo um futuro para o Paraná”, concluiu.

O pedetista conseguiu costurar o apoio da federação formada por PCdoB, PT e PV. Esse apoio marca uma mudança de estratégia do PT, que, pela primeira vez em 11 anos, não lançará um candidato próprio ao governo paranaense.

Segundo a professora de Ciência Política e pesquisadora de pós-doutorado no Instituto Representação e Legitimidade Democrática (INCT ReDem) da UFPR Karolina Roeder, trata-se de um cálculo eleitoral pragmático, considerando que o partido ainda não conseguiu se recuperar dos efeitos da Operação Lava Jato no Estado, onde o antipetismo permanece como uma força significativa.

Para Karolina, é uma leitura de conjuntura que reconhece o domínio antipetista no Estado e que se relaciona com a questão financeira da campanha. “Como não há mais financiamento empresarial, os partidos estão fazendo o cálculo para ver se vale bancar uma campanha majoritária, que é caríssima, em vez de financiar candidatos a deputado federal”, disse.

Contato: eric.lima@estadao.com

